

Sucessão Familiar e Cooperativismo Agropecuário

Perspectivas de Famílias Cooperadas em um Estudo de Caso no Triângulo Mineiro

Amábile Tolio Boessio¹
Sheila Maria Doula²

<http://dx.doi.org/10.21527/2237-6453.2017.40.433-458>

Resumo

Objetiva-se neste artigo compreender como é percebido, pelas famílias cooperadas, o incentivo da Cooperativa Agropecuária de Patrocínio – Coopa/MG – sobre os processos sucessórios nas propriedades de seus cooperados e o envolvimento familiar e juvenil nas atividades da instituição. A pesquisa apresenta metodologia de cunho qualitativo do tipo exploratória. A coleta de dados foi realizada por meio de aplicação de questionários a 41 famílias cooperadas. Ficou clara a importância da organização cooperativa para o desenvolvimento das atividades nas unidades familiares de produção e o significativo envolvimento de toda a família nas atividades desenvolvidas pela cooperativa. As famílias cooperadas, no entanto, não percebem, por parte da cooperativa, ações de envolvimento direto relacionadas aos processos sucessórios.

Palavras-chave: Cooperativa. Família. Sucessão geracional.

¹ Doutoranda em Extensão Rural pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Mestre em Extensão Rural pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). Pesquisadora do Observatório da Juventude Rural (UFV), Observatório Mineiro do Cooperativismo. amabiletolio@hotmail.com

² Doutora e mestre em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (USP). Graduada em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (USP). Professora da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Pesquisadora do Observatório da Juventude Rural (UFV), Observatório Mineiro do Cooperativismo. sheila@ufv.br

SUCCESSION FAMILY AND AGRICULTURAL COOPERATIVE: PERSPECTIVES OF COOPERATIVE FAMILIES IN A CASE STUDY IN TRIÂNGULO MINEIRO

Abstract

The aim of this article is to understand how it is perceived the encouragement of Cooperativa Agropecuária de Patrocínio – Coopa/MG – on the succession processes in the properties of their members and even the family involvement and youth activities of the institution. This research presents a qualitative nature of the exploratory methodology. Data collection was conducted through questionnaires at 41 Families cooperative. It became clear the importance of cooperative organization for the development of activities in family units of production and the important involvement of the whole family in the activities developed by the cooperative. However, the cooperative Families do not realize involvement of direct actions related to the succession processes by the cooperative.

Keywords: Cooperative. Family. Generational succession.

A Permanência da Juventude Rural e a Sucessão Familiar na Agricultura

As transformações sociais acarretadas pelos processos de urbanização e modernização no Brasil resultaram em uma “recomposição do rural” que fez emergir uma nova forma de ver e de viver a ruralidade, exigindo repensar essa realidade contemporânea (WANDERLEY, 2009). Recentemente os pesquisadores passaram a destacar que as mudanças no contexto rural produzidas pelo processo de urbanização transformaram o rural em um espaço não mais exclusivamente agrícola, levando os jovens, particularmente, a terem diferentes perspectivas em relação à vida no campo (CARNEIRO, 1999). Os jovens estão expostos a novos valores que os levam a almejar uma gama maior de possibilidades, pois a emergência de trabalhos não agrícolas proporciona novas formas de alocação da força de trabalho das famílias em diferentes atividades. Algumas dessas modificações teriam alterado a forma de perceber o meio rural, tornando-o mais dinâmico e atrativo, podendo reverter a tendência migratória da população juvenil, pauta conhecida e tão discutida no meio acadêmico. Tal dinamismo, no entanto, não é verificado em todas as regiões do país e tampouco apresenta características uniformes, daí a necessidade de se diferenciar os contextos de vivência da juventude rural.

Nas regiões rurais do sul do país, por exemplo, constata-se a persistência do êxodo, além da tendência ao envelhecimento e à masculinização da população do campo, fazendo com que o tema da permanência juvenil nas atividades da agropecuária e da agricultura familiar ocupe lugar de maior visibilidade na agenda de pesquisas desde a década de 80. A partir dessa constatação, Brumer (2007) considera que dois aspectos são recorrentes na sociologia rural brasileira – e ainda tratados como problemas não resolvidos – que se configuram como entraves para a reprodução social no campo e para os programas de desenvolvimento rural: a continuidade da tendência emigratória de jovens decepcionados com a atividade agrícola e que não querem repetir a trajetória de seus pais e os problemas da exclusão de parte dos filhos no processo sucessório dos estabelecimentos agrícolas familiares.

Na literatura acerca da juventude rural pode-se observar a preocupação em definir os aspectos estruturais que marcam o papel e o lugar dos jovens e que acabam impondo restrições à liberdade de suas escolhas. Ao considerar tais limitações a esfera econômica é essencial. De acordo com Brumer (2014), são fatores motivadores para a saída dos jovens do campo as más condições de trabalho e as incertezas de rentabilidade. Em concordância, Silvestro et al. (2001) apontam para o fato de que muitos filhos de produtores rurais abandonam os negócios familiares por melhores oportunidades de renda, uma vez que as atividades ligadas ao campo são consideradas pouco atrativas no que se refere aos rendimentos.

Em sentido contrário, ao analisar o processo social de permanência dos jovens rurais na região do Alto Uruguai, no Estado do Rio Grande do Sul, Deggerone (2014) visualiza alguns fatores de atratividade que se vinculam à autonomia e poder do jovem: remuneração por seu trabalho nas unidades familiares, possibilidade de formação qualificada, diversificação da produção e consequente aumento de renda, atividades complementares à agricultura trazendo mais oportunidades de geração de renda e, finalmente, políticas públicas que possibilitem o desenvolvimento rural e a continuidade da agricultura familiar.

Nesse mesmo sentido Mera e Mielitz Netto (2014), ao realizarem pesquisa com jovens rurais do Alto Jacuí, no Rio Grande do Sul, destacam a necessidade de oportunizar melhores condições para os jovens quererem permanecer nas atividades desempenhadas pela família. Os autores ressaltam que para isso, em áreas agrícolas, o ganho em escala é fundamental para a garantia de renda.

Já Stropasolas (2011) alerta para as constantes modificações exigidas pelas complexidades do mercado no mundo contemporâneo, destacando que para estar inserido mercadologicamente seria necessário pensar a sucessão geracional para além da simples transferência patrimonial familiar e da retirada da gestão nas propriedades agrícolas das gerações mais antigas. Em consonância, Redín (2014) entende a importância de se debater a ne-

cessidade de intervenções institucionais no intuito de elaborar estratégias de reprodução tanto social quanto econômica no campo, colocando os anseios juvenis na pauta de atuação.

Abramovay et al. (1998), no entanto, ressaltam que as organizações que representam os agricultores não estão prontas para enfrentar os desafios que englobam a sucessão familiar. Os autores defendem que somente será possível motivar a permanência juvenil na propriedade familiar a partir da valorização dos jovens, ou seja, quando eles assumirem papéis decisórios dentro da unidade e vislumbrarem alternativas de melhorar a produção e aumentar o retorno financeiro.

Silvestro et al. (2001), ao realizarem pesquisa no oeste catarinense com o tema da sucessão geracional na agricultura familiar, concluíram que os espaços de discussão dentro da família vêm sendo ampliados, porém destacam a falta de aporte de políticas públicas que promovam a realização profissional dos jovens na agricultura. Ainda segundo os autores, “existe um enorme e crescente isolamento social dos jovens que vivem nas comunidades rurais. Verificou-se preocupante ausência das organizações representativas e de apoio, sobretudo no segmento dos agricultores em transição e descapitalizados” (p. 103).

Levando em consideração a incipiência das organizações de apoio aos jovens rurais, o presente artigo tem como objetivo compreender como é percebido, pelas famílias cooperadas, o incentivo da Cooperativa Agropecuária de Patrocínio – Coopa, de Minas Gerais – sobre os processos sucessórios nas propriedades de seus cooperados e o envolvimento familiar e juvenil nas atividades da instituição. Parte-se do pressuposto de que é importante compreender como o processo sucessório vem sendo encaminhado pelas famílias rurais, pois é nesse contexto que os jovens rurais elaboram seus projetos futuros de continuidade dos negócios familiares ou de migração e inserção no mercado de trabalho nas cidades.

Cooperativas Agropecuárias: qual o seu papel?

Entre as inúmeras instituições que desempenham o papel de representação de segmentos sociais e de estímulo ao desenvolvimento local estão as organizações cooperativas. Presno Amodéo (1999), ao apresentar as perspectivas discutidas em Manchester pela Aliança Cooperativa Internacional (ACI) para o século 21 – em 1995, no Congresso de Comemoração do centenário de fundação da ACI – alerta que as cooperativas “devem ser capazes de servir efetivamente e de contribuir ao crescimento econômico e à igualdade social em suas respectivas comunidades e/ou países” (p. 43).

Em termos descritivos, as cooperativas são associações de pessoas que se pautam em bases democráticas e têm o intuito de atender um objetivo em comum, principalmente relacionado às necessidades econômicas fundamentais. Essas características circunscrevem as dimensões básicas e diferenciais de uma organização cooperativa: social (ou política) e econômica. A articulação de ambas as dimensões estimula a organização e a promoção social de seus membros, ao mesmo tempo que se constitui como empreendimento econômico eficiente (ANTONIALLI, 2000). Nesse sentido, Gonçalves (2012) expõe que diferentemente de uma empresa capitalista, o objetivo das cooperativas não é a maximização do lucro, embora se tenha uma finalidade econômica. A eficiência econômica da organização, no entanto, é imprescindível para a sua própria manutenção e para a melhoria das condições sociais dos cooperados.

No caso específico das cooperativas inseridas no meio rural e no ramo agropecuário, é seu papel proporcionar a seus membros inserção mercadológica com o ganho de escala e também facilidade de acesso aos insumos. Segundo Presno Amodéo (1999, p. 3), as cooperativas agropecuárias “são uma alternativa para os produtores [particularmente o pequeno e médio produtor] poderem participar do sistema agroalimentar, obtendo melhores resultados econômicos que lhes permitam melhorar seu bem-estar”.

De acordo com dados da Food and Agriculture Organization (FOOD..., 2016), as cooperativas têm se constituído em várias partes do mundo como canais privilegiados de mediação entre produtores e mercado:

In Brazil, 37 percent of agricultural GDP is produced through cooperatives; in Egypt, 4 million farmers earn their income through cooperative membership; in Ethiopia the equivalent figure is 900 000; and in India, 16.5 million litres of milk are collected every day from 12 million farmers in dairy cooperatives. In Europe, agricultural cooperatives have an overall market share of about 60 percent of the processing and marketing of agricultural commodities and about 50 percent of the supply of inputs.³

Zylbersztajn et al. (1996) afirmam que a cooperativa agropecuária deve atuar defendendo sempre os interesses dos produtores cooperados e cabe a ela o atendimento integral das instâncias que fogem ao ‘âmbito direto do agricultor’, como é o caso da “aquisição de insumos que muitas vezes definem a tecnologia a ser adotada pelo agricultor, comercialização dos produtos, definição de estratégias e diversificação da produção, formas de crescimento via integração vertical e horizontal, entre outras” (1996, p. 1).

Cabe mencionar que as cooperativas agropecuárias têm um papel importante no desenvolvimento rural, pois são instituições que podem participar e influir diretamente no cotidiano das atividades produtivas de seus integrantes, com vistas a gerar ganhos econômicos e melhorias na qualidade de vida. Como exposto por Presno Amodeo (1999), as cooperativas agropecuárias são organizações que devem prezar pelo desenvolvimento de seus cooperados, considerando as particularidades dos grupos envolvidos.

Dados da pesquisa de Spanevello e Lago (2007) indicam que o acesso ao crédito, assistência técnica, inserção mercadológica, acesso a insumos, armazenamento, retorno das sobras, informação e capacitação são fatores apontados pelos jovens associados da cooperativa pesquisada, quando estes

³ Disponível em: <<http://www.fao.org>>.

se referem aos benefícios oferecidos pela instituição. Assim, no meio rural, as cooperativas caracterizam-se como uma extensão da propriedade familiar. Um fato relevante na pesquisa realizada pelos autores é que os filhos de cooperados que permanecem nas propriedades familiares e em atividades agrícolas inserem-se também nas cooperativas, pois entendem que estas oferecem suporte para a continuidade da produção nas propriedades herdadas.

Spanevello, Drebes e Lago (2011), em pesquisa realizada com oito cooperativas agropecuárias na região do Alto Jacuí, no Rio Grande do Sul, identificaram algumas ações indiretas quando se toma o conjunto familiar dos cooperados. Embora indiretas, as ações percebidas pelos autores “voltam-se para os aspectos econômicos-produtivos (fomento do uso de tecnologias, modernização da propriedade, organização e busca da qualidade, projetos de diversificação produtiva, projetos voltados à busca de crédito) e sociais (lazer entre os associados, auxílio educacional, eventos para mulheres e jovens, entre outros)” (SPANVELLO; DREBES; LAGO, 2011). A justificativa dos dirigentes dessas cooperativas para a ausência de ações mais específicas para os jovens é a falta de recursos financeiros e de pessoal qualificado para desempenhar tais funções.

Nas regiões em que há cooperativas agropecuárias ou de crédito com foco em atividades agrícolas verifica-se a tendência destas organizações em proporcionar maior acesso a tecnologias, financiamentos, assistência técnica, entre outras formas de estímulo para os agricultores. Nesse sentido, em pesquisa nos municípios de Pinhal Grande e Dona Francisca, localizados na região central do Estado do Rio Grande do Sul, Spanevello e Lago (2007) constataram que grande parte dos jovens procura nas cooperativas um aporte para manter a saúde financeira de suas propriedades rurais, mas também cursos de capacitação e facilidade de acessar o crédito. De acordo com esses autores, a situação econômica das unidades familiares de produção torna-se um fator decisivo na configuração da sucessão, pois os filhos de agricultores, sejam eles homens ou mulheres, somente consideram a possibilidade de permanecer nos negócios familiares se perceberem neles uma fonte rentável.

Os pesquisadores concluem que a atuação das cooperativas é fundamental nessa região, pois se torna um facilitador da inserção mercadológica de seus cooperados, o que conseqüentemente pode influenciar na decisão de permanência de pelo menos um sucessor na propriedade familiar.

Procedimentos Metodológicos e Universo Empírico

A pesquisa apresenta uma metodologia de cunho qualitativo do tipo exploratória, desenvolvida em um estudo de caso. O universo de investigação empírica é constituído pela Cooperativa Agropecuária de Patrocínio – Coopa – localizada na mesorregião do Triângulo Mineiro, com sua sede em Patrocínio/MG. A Coopa em 2013 contava com 2.898 associados e aproximadamente 350 colaboradores contratados. A Coopa é uma das três cooperativas associadas da Cooperativa Central Mineira de Laticínios Ltda. (Cemil); é referência regional devido à abrangência de municípios nos quais atua e vem ganhando destaque no Movimento Cooperativista Mineiro principalmente pela organização do quadro de associados e por iniciativas criadas para os jovens ligados a ela.

A Coopa atua principalmente na atividade leiteira, prestando assistência técnica e fornecendo insumos necessários para que o associado desenvolva essa produção, porém grande parte dos cooperados atua na atividade cafeeira e quando necessário também é oferecido serviço de assistência técnica para essa atividade. No caso do leite, a produção é entregue na cooperativa para que ela a comercialize, ao passo que o café é utilizado como moeda de troca na aquisição dos insumos para a própria produção cafeeira.

A Coopa possui unidades de supermercado, postos de combustíveis e lojas veterinária e agrícola, o que facilita a aquisição de bens de consumo e de produção, pois a cooperativa facilita o crédito do associado por meio de um cartão e os gastos são descontados diretamente na sua conta, que está vinculada à entrega do leite. Outras estruturas, como armazém para grãos e para laticínios, também são disponibilizadas para os associados. A instituição

conta com quatro unidades físicas – nas cidades de Patrocínio (sede), Serra do Salitre, Coromandel e Ibiá – e sua área de atuação abrange 14 municípios da mesorregião do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba.

Para a realização da pesquisa de campo foi utilizada como ferramenta de coleta de dados a entrevista que, conforme Yin (2001, p. 112), é “uma das mais importantes fontes de informações para um estudo de caso”. As entrevistas foram realizadas durante reuniões das Comunidades Cooperativistas (forma de Organização do Quadro Social da Cooperativa), na Assembleia do Grupo de Mulheres, em dia de campo e ainda em visitas às propriedades juntamente com técnicos de campo (extensionistas), totalizando 41 entrevistas com as famílias cooperadas.

As Famílias Cooperadas Participantes da Pesquisa

A faixa etária dos entrevistados variou entre 27 e 79 anos e tal amplitude se deu em virtude da opção de entrevistar os cooperados que estivessem disponíveis tanto em suas propriedades no momento da visita técnica, durante a realização das reuniões das Comunidades Cooperativistas – pré-assembleia de 2015 e ainda no dia de campo. A maioria (68,29%) dos entrevistados é adulta, com idade entre 40 e 59 anos. Nesta faixa etária apenas uma família cooperada não possui filhos. Há que se mencionar que este artigo não apresenta enfoque na discussão de gênero. Sendo assim, somente quando os entrevistados ou autores citados mencionam de forma clara a distinção entre homem e mulher é que se fará menção específica. Sempre que se utiliza os termos “filho” e “sucessor”, portanto, compreende-se tanto descendentes homens quanto mulheres.

Percebeu-se um grande número de famílias cooperadas constituídas por 2 a 5 pessoas, sendo esse também o número de pessoas que moram na residência. Das famílias compostas por dois indivíduos, apenas três não possuem filhos e das que possuem três pessoas residentes na propriedade apenas uma tem um único filho, ou seja, os demais filhos residem ou em

outras propriedades ou migraram para a cidade. O que se observa em relação à quantidade de filhos é que a maioria (68,41%) dos respondentes possui entre dois e três filhos. Cabe aqui destacar que em 32 famílias cooperadas pelo menos um filho reside na propriedade; apenas 12,19% não possuem herdeiros, o que por sua vez demonstra que os demais possuem possíveis sucessores para a unidade familiar, considerando apenas o fato de se ter um herdeiro direto (filho ou filha).

Entre 16 e 20 anos – quando os jovens tendem a decidir suas profissões e projetos futuros – e ainda a faixa etária entre 21 e 29 anos – ocasião em que os jovens estão em finalização do curso superior e iniciando a concretização dos projetos anteriormente traçados – é onde se concentra o maior número de filhos. Tal fato revela que quase metade (46,73%) das famílias cooperadas entrevistadas têm filhos em faixas etárias de possível processo sucessório.

Quanto à situação da propriedade familiar, foi percebido que a quase totalidade (40 famílias cooperadas – 97,56%) dos respondentes afirma que a propriedade pertence à família e dessas, sete declararam arrendar parte da propriedade de seus próprios familiares. Com relação ao tamanho da propriedade, um número expressivo de propriedades de famílias cooperadas tem entre 21 e 40 hectares, representando 46,34%. Na maioria das propriedades (41,46%) a mão de obra utilizada é exclusivamente familiar; logo na sequência aparece a definição de predominantemente familiar e apenas 12,2% responderam que em suas propriedades a mão de obra é predominantemente contratada, fato justificado pelo tamanho das propriedades, pois 14,64% possuem extensões de terra acima de 100 hectares.

Quanto à atividade principal na unidade familiar, a maioria das famílias cooperadas (56,09%) responderam ser o leite, seguida da produção de leite e café e por fim, somente a de café. Apenas seis propriedades não produzem leite. Como atividade secundária, um número expressivo (41,46%) de famílias cooperadas destacou o cultivo do milho; no entanto grande parte

dos entrevistados não respondeu a essa pergunta, pois considera a produção do milho como etapa da produção leiteira (silagem) e não como atividade econômica secundária.

A Relação Família – Cooperativa e o Incentivo à Sucessão

O roteiro de entrevista conduzida com as famílias cooperadas abarcou questões que envolvem suas percepções sobre o incentivo da cooperativa no que tange à sucessão, bem como à relação dos jovens com a instituição e à expectativa de permanência do sucessor na unidade de produção familiar.

Nesse sentido, ao serem questionadas se a Coopa incentiva a permanência do jovem no campo e também na atividade agropecuária, 36 famílias cooperadas responderam de forma positiva, 3 disseram que não e 2 não responderam à questão. Para aqueles que responderam positivamente, o incentivo vem do resultado de algumas ações, entre as quais se destaca o Coopajovem,⁴ que objetiva desenvolver o espírito de liderança nos jovens do quadro social da cooperativa, sem foco específico na sucessão geracional. Também foram mencionadas as palestras técnicas/dias de campo, os encontros/reuniões e ainda com o mesmo número de citações a concessão de bolsas de estudo, um benefício concedido apenas para os jovens filhos de cooperados. A concessão das bolsas de estudo é fruto de uma parceria da Coopa com a Cemil, juntamente com a Escola Agrotécnica de Patrocínio. O convênio é dividido em bolsas para o nível médio e para o Ensino Superior. Para o nível médio (técnico em agropecuária) tem-se um total de 10, todas anualmente preenchidas; já as bolsas para nível superior são ao todo 50, porém em nenhum ano pôde-se preencher o total ofertado, pois os candidatos

⁴ Grupo de jovens vinculado à Coopa, constituído por filhos, netos e sobrinhos de cooperados e/ou funcionários da cooperativa. Em 2015 contava com a participação de 14 jovens.

não atendem às exigências – em especial ser cooperado fidelizado da Coopa. A cada início de ano são oferecidas 60 bolsas com duração até a finalização do curso, porém em 2014 havia apenas um total de 87 bolsistas.

Apesar de reconhecerem a oferta de bolsas de estudo e o grupo do Coopajovem como instrumentos importantes e atrativos para os filhos, as famílias cooperadas entendem que a cooperativa deveria utilizar as tecnologias de comunicação com as quais os jovens já estão acostumados como veículo de divulgação do próprio cooperativismo. De acordo com uma família:

Tem o Coopajovem, que vai direcionando o jovem, dando um seguimento ao cooperativismo. Mas também a cooperativa devia usar da tecnologia para despertar o jovem e a participação (Família cooperada 28).

Apenas três famílias consideraram que a cooperativa não tem incentivado o jovem na permanência no campo, destacando nesse caso a invisibilidade das ações, como indica o seguinte trecho de entrevista:

Atuação direta não tenho percebido. Ela até tem o Coopajovem, mas direto assim eu acho que não tem não, uma política ou um projeto. Fica amarrado naquele Coopajovem e não ajuda em nada (Família cooperada 22).

Quanto à participação das famílias nas reuniões, assembleias e atividades em geral da Coopa, 40 famílias cooperadas afirmaram frequentar tais eventos. Nas justificativas de participação, estar informado acerca dos acontecimentos da organização é o que mais motiva os entrevistados. Além disso, há justificativas vinculadas à integração cooperativa-cooperado, de tal forma que estejam em exercício do seu papel de cooperados.

Já para a participação da família em treinamentos e capacitação, o número de respostas positivas foi um pouco menor, de 31 famílias cooperadas. Dos que responderam que habitualmente participam dessas atividades, apenas 17 mencionaram os motivos, que se concentraram em adquirir

conhecimentos novos, aprender e aprimorar as técnicas de produção. Uma família cooperada mencionou vontade em participar de capacitação com a temática de orçamento e planejamento estratégico. As temáticas das reuniões nas Comunidades Cooperativistas envolvem de forma geral a produção, mas em nenhum momento até então foram realizados cursos com intuito de melhorias na gestão financeira da propriedade. Tal investimento é fundamental, pois como exposto por Silvestro et al. (2001), Deggerone (2014) e Mera e Mielitz Netto (2014), a rentabilidade proveniente das atividades agropecuárias é fator de motivação ou desmotivação para os projetos de vida dos jovens do campo.

Na opinião dos entrevistados a cooperativa busca envolver o grupo familiar dos cooperados nas atividades de lazer, educação, capacitação e integração. Quase a totalidade (95,12%) dos respondentes afirmou tal preocupação por parte da instituição. Das atividades percebidas pelas famílias cooperadas como aquelas que promovem o envolvimento familiar, a principal é a Fenicoopa – feira organizada anualmente pela Coopa para a realização de negócios e capacitação. Foi possível constatar que este evento é considerado por todos como oportunidade de união e identidade coletiva, lazer e negócios, o que confere à cooperativa uma avaliação positiva:

Não é uma cooperativa só pra cooperado, mas também pra toda a família (Família cooperada 28).

É uma das empresas que mais ajuda a incluir a família nas atividades (Família cooperada 31).

Apesar do envolvimento familiar nas atividades da Coopa, observou-se que 65,85% dos filhos dos cooperados não são associados, por ainda não terem idade ou porque não estabeleceram vínculos com a produção agropecuária, este último constituindo o caso de apenas 14,63% do total de famílias cooperadas. Para as famílias cooperadas cujos filhos já são sócios a principal justificativa reside na sucessão da propriedade, com 62,5%, como observado no trecho a seguir:

Pela continuidade da sucessão familiar, crescimento e formação de conhecimentos (Família cooperada 1).

Quando questionadas se conheciam alguma atividade oferecida pela cooperativa exclusivamente para o público jovem, a maioria (68,29%) das famílias cooperadas declarou ter conhecimento, predominando a menção ao Coopajovem, seguida da cavalgada, que por sua vez é uma realização do grupo de jovens. Vale desatacar que embora a maioria das famílias entrevistadas tenha mencionado o Coopajovem, algumas desconhecem as atividades e objetivos do grupo.

Quanto à importância da participação da família nas atividades da Coopa, quase a totalidade (38 famílias cooperadas) respondeu de forma positiva. Os motivos que tornam importante tal participação foram divididos em três grupos, destacados a seguir, acompanhados de trechos das entrevistadas para melhor entendimento:

A – A Importância da Participação por Integrar a Família do Associado com a “Família” Coopa.

[Para] Estar integrada na Família Coopa, buscando crescimento e conhecimentos de toda a família (Família cooperada 1).

Porque todos ficamos cada vez mais integrados na Família Coopa (Família cooperada 11).

Pra ter integração das famílias (Família cooperada 13).

Saber o que acontece na Coopa (Família cooperada 24).

Pra conhecer melhor a cooperativa e seus produtos oferecidos (Família cooperada 8).

Ficar a par de todos os movimentos, atividades e desenvolvimento (Família cooperada 10).

Muito importante, a força do trabalho que é familiar e a participação do negócio lá. Entender como funciona. Dividir as tristezas e alegrias, os fracassos e as vitórias (Família cooperada 22).

B – A União Familiar e a Oportunidade do Aprendizado em Conjunto.

Ter a união da família e dos negócios (Família cooperada 12).

Formação do grupo familiar cada vez mais unido e assistência na produção (Família cooperada 9).

Quanto mais trabalhar unido melhor é, dá mais retorno e incentivo. Aprende mais, né? (Família cooperada 27).

Aprendizado, pois cada um vai aprender de um jeito (Família cooperada 26).

Pra aprender a trabalhar junto (Família cooperada 2).

Ter união, conhecimento. Meu filho mais velho sempre vai com nós na Fenicoopa, nos torneios (Família cooperada 18).

C – As Motivações Vinculadas à Sucessão Geracional.

Pra saber desenvolver a própria vida [filhos] (Família cooperada 25).

É uma forma de fazer com que eles deem sequência, passar para nova geração (Família cooperada 28).

Porque eles vão suceder, né? (Família cooperada 33).

Faz com que apanhe gosto com a atividade, envolve pra conhecer o que é a cooperativa (Família cooperada 34).

Vai preparando pro futuro, daqui a pouco eles é que vão participar (Família cooperada 37).

Aprender a trabalhar em sociedade, desenvolver o social (Família cooperada 38).

Incentivar o filho a ficar na propriedade (Família cooperada 41).

Quanto à participação dos jovens, as famílias cooperadas foram questionadas sobre o que a Coopa poderia fazer com o intuito de incentivá-los a se integrarem à cooperativa. Os cooperados sugeriram maior incentivo ao cooperativismo e mostrar o crescimento da cooperativa aos jovens:

Reuniões específicas com jovens, encontros técnicos e cursos sobre o cooperativismo (Família cooperada 1).

Dar mais atenção e incentivar mais o cooperativismo. Tem que fazer mais treinamento e valorizar mais o jovem com oportunidade (Família cooperada 12).

Tinha que incentivar a participação nas reuniões, mostrar o crescimento da Coopa. Pra dar seguimento aqui na roça, tinha é que melhorar esse Coopajovem (Família cooperada 25).

Reforçar ainda mais o convite, porque eles são futuros cooperados. E tem que continuar com a representatividade da Coopa, ela que demonstra viabilidade e desperta interesse aos jovens (Família cooperada 28).

Ao serem questionadas sobre o que a Coopa poderia fazer com o intuito de incentivar a permanência dos jovens na propriedade familiar e nas atividades já desenvolvidas na unidade, as famílias mencionam a necessidade de maior informação relativa aos negócios familiares, pois para os associados, mostrar a importância das atividades desempenhadas nas propriedades é fundamental para o jovem se interessar em assumir o patrimônio familiar. Foi destacado também que há necessidade de proporcionar melhorias, em especial financeira, para os negócios da família. Algumas respostas foram vinculadas aos estudos dos jovens, mencionando que estes precisam estudar mesmo para estar na roça, pois o rural hoje é um espaço que exige aperfeiçoamento, conhecimento de técnicas e aproximação com a tecnologia que tornam o estudo fundamental; foi enfatizada ainda a necessidade de aprimoramento das bolsas de estudo oferecidas pela cooperativa, fato também percebido por alguns colaboradores da Coopa. Na sequência apresenta-se trechos que elucidam o exposto:

Tinha que incentivar mais na produção do leite (Família cooperada 30).

Levar mais informação pro jovem. Pode incentivar mais a melhoria da qualidade de vida (Família cooperada 13).

Mostrar a importância dos jovens e as oportunidades para o futuro (Família cooperada 4).

Com palestras, encontros e outras atividades específicas. Mostrar para o jovem o quanto a agropecuária é importante (Família cooperada 5).

Continuar incentivando através das atividades proporcionadas. Oferecer condições para que sua família oportunize o seu negócio através da busca e ajuda do desenvolvimento do seu trabalho (Família cooperada 8).

Falta cooperados mais unidos, atrações na reunião pra chamar a atenção e participação dos jovens. Tem que fazer cursos que incentivem (Família cooperada 9).

Já tem os técnicos que incentivam bastante (Família cooperada 23).

Acho que poderia ter um grupo dos cooperados mais velhos que ajudasse os jovens. Na roça acho que a Coopa podia ajudar com trator, ensiladeira, as coisas tão muito difícil hoje em dia (Família cooperada 32).

Ainda com relação ao mesmo questionamento, apenas 5 famílias cooperadas consideraram que esse incentivo em primeiro lugar deve vir da família, alguns complementando que dessa forma seria necessário melhorar as condições de vida dos pais para que estes tenham subsídios para proporcionar maior conforto e qualidade de vida aos filhos. Os trechos a seguir demonstram tais posicionamentos:

Pra trabalhar na atividade a influência mesmo é da família (Família cooperada 14).

Incentivando nós os pais, dando mais condições de vida. O pai estando bem, o filho vai querer ir. Os jovens hoje, eles querem mais a vida mais mansa, eles querem mais trator, coisa eletrônica. Se não tiver como comprar eles não ficam pra substituir a gente. Eles querem é qualidade de vida (Família cooperada 18).

A Coopa tem feito o que pode pro jovem ficar na roça, acho que tá faltando é interesse por parte do cooperado (Família cooperada 41).

Pro jovem querer ficar, os pais têm que darem o apoio, oportunidade. É a família (Família cooperada 26).

Na cooperativa o que ela tem feito já tá bastante atrativo. Já na fazenda, muitas das vezes o filho reflete os passos dos pais, se eles estão satisfeitos os filhos vão seguir e continuar na atividade (Família cooperada 31).

Para duas famílias cooperadas esse incentivo deve ser interligado entre família e cooperativa:

Não deixar eles quietos, fazer movimentos para eles não ficar pra trás. A Coopa e a gente é que tem que incentivar eles de ficar, os dois lados (Família cooperada 19).

A bolsa de estudo já é um incentivo pra aproximar da Coopa. Mas tinha era que ajudar a ver a cooperativa e a família como uma coisa de futuro (Família cooperada 37).

Também foi solicitado aos respondentes que destacassem problemas que prejudicam o relacionamento juventude-cooperativa. As respostas puderam ser divididas em três principais eixos:

A) Falta de Interesse do Jovem (em geral):

Desinteresse; outra visão de trabalho; falta de oportunidade (Família cooperada 4).

Uns jovens estão distantes, mas isso é falta de incentivo da família (Família cooperada 26).

Não tem participação dos jovens (Família cooperada 39).

B) Falta de interesse do jovem em permanecer na propriedade:

Falta interesse na continuidade das atividades rurais. Falta de interesse em participar de reuniões (Família cooperada 1).

Os jovens não querem continuar nas fazendas, outras áreas são mais atrativas, isso é a vida moderna (Família cooperada 10).

Falta de interesse dos jovens na sucessão familiar. Os jovens não gostam de participar de reuniões. Falta de interesse dos jovens em continuar nas atividades rurais (Família cooperada 11).

Falta de tecnologia não deixa que fique na propriedade (Família cooperada 38).

C) Problemas vinculados à cooperativa.

[Por parte] do jovem é a falta de comprometimento; a Coopa não tem muito atrativo para o jovem (Família cooperada 2).

Falta de interesse dos jovens porque não veem a cooperativa interessante (Família cooperada 9).

Não aceita muito a forma de gerenciamento, não é valorizado e não foi envolvido ainda no conselho de administração (Família cooperada 12).

Falta de incentivos, informação, liderança (Família cooperada 13).

A cooperativa precisa mostrar vantagens aos jovens, se não eles não vão se interessar (Família cooperada 37).

Dessa forma, embora as famílias tenham mencionado alguns problemas diretamente ligados à cooperativa, percebe-se que a maior dificuldade está relacionada à falta de interesse juvenil, não apenas em relação à própria cooperativa, mas ainda, segundo seus pais, em permanecer no campo.

A Sucessão Geracional e a Expectativa de Permanência Juvenil

Foi perguntado às famílias cooperadas se é esperado que algum filho assuma a propriedade da família, dando continuidade às atividades da unidade familiar. A maioria (75,6%) dos respondentes gostaria que seus filhos assumissem os negócios da família.

Foram apresentadas justificativas diversas, perpassando a tradição familiar (avô, pai e hoje os filhos) e a aptidão dos filhos. Aqueles que possuem filhos estudando em cursos superiores como Agronomia e Veterinária afirmaram estar abertos à participação dos sucessores nos negócios da família. Foi mencionada a vontade de um dos filhos de permanecer na propriedade, porém para cultivar café, pois este jovem considera a produção de leite mais penosa. O que chamou a atenção ainda foi o relato de uma das famílias sobre o fato de esperar que a filha, mesmo médica, um dia venha a assumir a propriedade. A seguir podem ser visualizados os trechos de respostas das famílias entrevistadas:

Acho que eu, como cooperada, tenho que incentivar meus filhos e os jovens todos no processo de sucessão (Família cooperada 13).

Ah, era do meu bisavô, passou pro meu avô, já é a quarta geração que tá lá e foi muito investido em tecnologia, tem uma estrutura boa lá. Tem que continuar (Família cooperada 14).

Pelo jeito que nós criamos eles, acho que sim, quando não pudermos mais, espero que ele assuma (Família cooperada 26).

Espero não, eu quero! É pra dar sequência nas gerações. Passou de avô pra pai, nas minhas veias corre terra também (Família cooperada 28).

Seguir o trem pra frente, tô ficando cansado já, tem que deixar eles dá os pulos deles já (Família cooperada 30).

Pra dar sequência no que lutamos tanto pra conseguir. Pro pai e pra mãe que não vê no filho essa sequência acho que é muito triste, né? Todos meus filhos têm uma ligação muito forte com a terra (Família cooperada 31).

Isso aqui vai ficar pros filhos mesmo, eu penso que um deles vai ficar aqui, mexer com gado ou alguma outra coisa que gosta. É um patrimônio construído e vai ficar aí, é pra eles. Eu já tô com 62 anos, daqui uns dias eu não tô mais aqui (Família cooperada 32).

Ah espero sim, eles gostam demais de roça (Família cooperada 37).

Aqueles que esperam que seus filhos assumam a propriedade mencionaram alguns fatores que podem dificultar esse processo, como o fato de ela ser pequena:

Ah, a gente não é eterno. Vontade tem né, mas o sítio é pequeno, não tem como dar assistência pra toda vida (Família cooperada 19).

Outro argumento foi o desinteresse do filho pela produção do leite, aliado à pouca rentabilidade da lavoura em pequenas propriedades:

Eu esperava, mas vai ser difícil, viu? O menino não gosta do que faz (pecuária de leite), mas da lavoura ele gosta, só que aí não é rentável na pequena propriedade. Já a menina é professora e não mora na propriedade mais (Família cooperada 34).

Também foi mencionada a falta de aptidão para o trabalho da propriedade:

Acho difícil pela aptidão dos filhos, tudo trabalham na cidade já (Família cooperada 39).

Apenas três famílias cooperadas responderam negativamente quanto ao desejo de que seus filhos assumam a propriedade. Destas, destaca-se uma família cooperada que em sua resposta deixa evidente a diferença de gênero vinculada aos processos sucessórios, desconsiderando que as filhas mulheres pudessem assumir esse papel:

Por ser mulher, tem que ver se o marido dela vai querer. Pra assumir tem que ser filho homem, se fosse um filho homem sem dúvida. Mas se ela quiser, querendo ou não, tá lá né? (Família cooperada 35).

Nesse sentido, ainda vale mencionar que em visita a uma propriedade familiar, o pai afirmou o desejo de que o filho homem assumira a propriedade, mas foi nítida a vontade da filha em ser a sucessora. De acordo com um

técnico de campo, foi informado que a jovem, que tem 18 anos, é muito participativa, além de “gostar da roça”; porém ela pretende realizar um curso superior que não apresenta ligação com o rural em razão da falta de apoio da família para que continue na propriedade. Já o irmão não demonstra interesse em permanecer na atividade. O exposto vai ao encontro com o que a literatura (STROPASOLAS, 2011; BRUMER, 2007; BATTESTIN; COSTA, 2007) vem mostrando sobre a discriminação das jovens, em especial no que tange à sucessão, pois estas não são, tradicionalmente, consideradas sucessoras.

Ainda para este questionamento, destaca-se que em duas propriedades a sucessão já foi realizada. Nestas, uma família cooperada justificou ter agido desta forma, pois o pai do cooperado o ensinou assim, já realizando a transição dos negócios ainda em vida. Foi selecionado um trecho dessa entrevista que elucida a forma como a família tem realizado as atividades juntamente com o filho:

O pai desde cedo tem que mudar o comportamento, inclusive ajudar monetariamente, dar voz, discutir. Aqui se eu tirar 500 litros de leite, metade é meu e metade é dele. Qualquer decisão é nós dois que toma. É uma atividade familiar, mas tratamos como uma sociedade. A falta de informação atrapalha muito. Tem gente na família que não fazia acerto, aquela coisa “preto no branco”, sabe? Aqui não, tudo é anotado e assim as despesas e as sobras, é tudo dividido. No café, nós (pai e mãe) não opinamos, é ele quem decide. Mas o que é separado é de cada um, mas o resto é dividido. Tem que tratar como empresa, porque é uma empresa familiar, tem que ter clareza. E quando vai chegando os netos tem que ir dando mais espaço (Família cooperada 22).

Embora este caso seja de realização da sucessão ainda em vida pelo pai, sem conflitos (aparentes) por conta da abertura de diálogo por parte do antecessor, não foi o que se percebeu na maioria das propriedades. Nesse contexto, o que se nota é que os pais, em sua maioria, por mais que desejem

que seus filhos futuramente assumam as unidades de produção, não estão preparando seus descendentes para isso, ou pelo menos ainda não estão dialogando sobre o tema.

Considerações Finais

O presente artigo visou a discutir o papel das cooperativas agropecuárias no que diz respeito aos processos sucessórios nas unidades produtivas de seus cooperados e teve por objetivo compreender como é percebido o incentivo da Cooperativa Agropecuária de Patrocínio – Coopa – sobre os processos sucessórios nas propriedades de seus cooperados e o envolvimento familiar e juvenil nas atividades da instituição. O que se destaca de forma negativa é o fato de as famílias cooperadas não perceberem ações de envolvimento direto no que respeita aos processos sucessórios, porém é enfatizada a participação da família como um todo em atividades como reuniões, dias de campo, capacitações, a oferta de bolsas de estudo e a existência de um grupo de jovens, mesmo que neste a adesão juvenil seja baixa. Vale mencionar que nos cursos e capacitações temas importantes para a permanência juvenil não têm sido tratados, tais como a gestão financeira das unidades de produção e a inserção tecnológica.

A falha nas atividades de capacitação sobre gestão da propriedade dirigidas tanto aos cooperados quanto aos filhos jovens teve prevalência nas entrevistas, pois como exposto pelas famílias entrevistadas, ninguém quer ficar em um “rural” não rentável ou não desenvolvido. Almeja-se tecnologia, conforto, estabilidade, qualidade de vida, tudo aquilo que se tem em outros espaços e que hoje se traça como metas do desenvolvimento rural sustentável. Dessa forma, a cooperativa torna-se ferramenta fundamental para o fomento da aprendizagem que promova conhecimento de novas técnicas, em especial para a sustentabilidade econômica e ambiental da produção e a inserção das mulheres e jovens na gestão.

Um fato que merece relevância é a expectativa das famílias cooperadas quando o assunto é a vontade de um filho tornar-se sucessor, pois 75,6% dos entrevistados demonstraram que gostariam que seus filhos assumissem a propriedade. Percebe-se, no entanto, que não apenas o sucessor precisa estar preparado para (e ver vantagens em) assumir esse papel, mas principalmente a família deve estar pronta para ser sucedida. Assim, defende-se aqui que a instituição cooperativa assuma o desafio de se tornar uma ferramenta de auxílio para a instituição familiar, pois durante suas várias atividades pode incentivar a abertura dos canais de diálogos entre as gerações e ainda mostrar para os seus cooperados a importância do preparo de um sucessor.

Referências

- ABRAMOVAY, R. et al. *Juventude e agricultura familiar*. Brasília: Edições da Unesco, 1998. 101p.
- ANTONIALLI, L. M. Influência da mudança de gestão nas estratégias de uma cooperativa agropecuária. *RAC. Revista de Administração Contemporânea*, Rio de Janeiro, RJ, v. 4, n.1, p. 135-159, 2000.
- BATTESTIN, S.; COSTA, W. T. Casamento e trabalho dos jovens no meio rural. *Revista Oikos*. Viçosa, v. 18, n. 2, número especial, 2007.
- BRUMER, A. A problemática dos jovens na pós-modernidade. In: CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa Guaraná de (Org.). *Juventude rural em perspectiva*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- BRUMER, A. As perspectivas dos jovens agricultores familiares no início do século XXI. In: RENCK, Arlene; DORIGON, Clovis (Org.). *Juventude rural, cultura e mudança social*. Chapecó, SC: Unochapecó, 2014. p. 115-138.
- CARNEIRO, M. J. O ideal rurano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais. In: TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos et al. (Org.). *Mundo rural e política*. Rio de Janeiro: Campús, 1999.
- DEGGERONE, Z. A. *A permanência dos jovens nas unidades de produção familiares na Região Alto Uruguai, Rio Grande do Sul*. 2014. Dissertação (Mestrado em Ambiente e Desenvolvimento) – Univates, Lajeado, 2014.
- GONÇALVES, R. C. *A evolução do cooperativismo agropecuário no Brasil*. 2012. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/69983>>. Acesso em: 19 fev. 2014.

GONÇALVES, Carlos Manuel; COIMBRA, Joaquim Luís. O papel dos pais na construção de trajetórias vocacionais dos seus filhos. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*. São Paulo, v. 8, n. 1, p. 1-17, jun. 2007.

FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION (FAO). *Cooperatives and Producers Organizations*. Disponível em: <<http://www.fao.org/partnerships/cooperatives/en/>>. Acesso em: 20 fev. 2016.

MERA, C. M. P. de; MIELITZ NETTO, C. G. Diminuição da população rural na região do Alto Jacuí/RS: análise sob a perspectiva dos segmentos rurais. *Desenvolvimento em Questão*, v. 12, p. 216, 2014.

PRESNO AMODEO, N. B. As cooperativas agroindustriais e os desafios da competitividade. 1999. Tese (Doutorado em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

REDIN, E. O futuro incerto do jovem rural. *Intesa*, Pombal, PB, v. 8, n. 1, p. 37-43, jan./dez. 2014.

SILVESTRO, M. L. et al. *Os impasses da sucessão hereditária na agricultura familiar*. Florianópolis: Epagri; Brasília: Nead, Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2001.

SPANEVERELLO, R. M.; DREBES, L. M.; LAGO, A. A influência das ações cooperativistas sobre a reprodução social da agricultura familiar e seus reflexos sobre o desenvolvimento rural. In: CONFERÊNCIA DO DESENVOLVIMENTO, 2., 2011, Brasília. *Anais do I Circuito de Debates Acadêmicos*. Brasília, 2011.

SPANEVERELLO, R.; LAGO, A. As cooperativas agropecuárias e a sucessão profissional na agricultura familiar. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL, 45., 2007, Londrina, PR. *Conhecimento para a Agricultura do Futuro*, 2007.

STROPASOLAS, V. L. Os desafios da sucessão geracional na agricultura familiar. *Revista Agriculturas*, v. 8, p. 26-29, 2011.

WANDERLEY, M. de N. B. *O mundo rural como um espaço de vida* – reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2009.

YIN, R. K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ZYLBERSZTAJN, D. et al. *Cooperativa Coamo: gerenciando os conflitos do crescimento*. 1996. Disponível em: <http://www.fundacaofia.com.br/pensa/anexos/biblioteca/2212008132516_ec96_coamo.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2014.

Recebido em: 25/3/2016

Accito em: 16/9/2016